

# Movimentos reflexivos em torno da (mais-que) relação entre sociedade e natureza

*Nicolas Veregue Ruiz*

da Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente – São Paulo – Brasil

nicolas.veregue@unesp.br

## **Nota introdutória**

A preocupação com a relação sociedade-natureza perpassa a história do pensamento geográfico desde a institucionalização dessa ciência. Várias correntes e vertentes desse pensamento se preocuparam e ainda se preocupam com essa questão. No que tange suas dicotomias, a preocupação é ainda mais relevante, pois essas estão, antes de qualquer outra guinada interdisciplinar e/ou transdisciplinar na Geografia clássica ou contemporânea, no cerne epistemológico e core metodológico que embasa as reflexões e práticas científicas organizadas pela Geografia.

Nesse sentido, este ensaio é proveniente de algumas inquietações e reflexões epistemológicas feitas entre os anos de 2017 e 2018. Durante o período, fomos instigados e convidados a (re)escrevê-lo por amigos-geógrafos, tendo em mente as provas de conhecimentos geográficos dos programas de pós-graduação em Geografia e sua densa e rica bibliografia, bem como a construção de nossos projetos de pesquisa submetidos aos mesmos.

A ideia primordial foi elaborar um texto síntese, um exercício teórico-reflexivo, destacando alguns conceitos, como lugar, paisagem e território, pensados como e em movimento e conectados ao debate sobre sociedade e natureza.

Primeiramente, em um movimento de abertura, discutimos sobre espaço geográfico, conceito fundante e suas reverberações no pensamento geográfico e no segundo movimento, estabelecemos uma conexão entre paisagem, lugar e território, conceitos tão caros ao desenvolvimento das práticas científicas que embasam nossas pesquisas - em múltiplos enfoques, metodologias, epistemologias e sujeitos a serem interpretados.

## **Movimento de abertura: o espaço geográfico**

Para começar, podemos dizer que a geografia, com g minúsculo, está em nossas práticas cotidianas muito antes de sua institucionalização e organização disciplinar (RELPH, 1979).

Essa “geografia em ato”, reflexão dardeliana (DARDEL, 2015), nos coloca como seres essencialmente geográficos.

Uma relação orgânica liga os seres à terra, o que evidencia dimensões, inclusive, geológicas e geomorfológicas – telúricas – (DARDEL, 2015) homens e mulheres habitam, são, relacionam-se, produzem espaço geográfico, transformam e são transformados por este mesmo espaço.

O espaço geográfico não é estático. Ele é transformador, mutante e híbrido, o “conjunto indissociável de sistema de objetos e sistema de ações” (SANTOS, 2006) está em constante transitoriedade – então podemos adicionar aí uma categoria extremamente importante desta análise – o tempo, que não deve suplantar o desenvolvimento e a preocupação geográfica, porém caminhar lado a lado, acompanhando seu par dialético, o espaço geográfico, citado no início deste parágrafo. Espaço-tempo nos ajudam a pensar sobre sociedade e natureza.

Espaço e tempo são socialmente produzidos, a natureza (com suas leis e princípios próprios – não sendo estática também) amplamente agenciada, exaurida e modificada por meio da técnica, da ciência e da informação historicamente produzida pela sociedade e vice-versa. O modo de produção vigente também interpenetra e contamina essas questões. Fatores econômicos tangenciam as dinâmicas espaço-temporais, alimentando e retroalimentando as práticas cotidianas anteriormente citadas.

Além disso, o embate sociedade-natureza nos permite refletir sobre os conceitos geográficos, tributários do desenvolvimento da ciência geográfica, constituídos e circunstanciais de modo a refletir, representar, transformar e tencionar não em “fragmentos”/“pedaços” o espaço geográfico, mas colocar em relevo uma ciência em movimento constante, plural e vívida (GOMES, 2009).

## **Segundo movimento: lugar, paisagem e território**

Sendo assim, salientamos que os/as geógrafos/as dão nome, nomeiam. Dar nome é instaurar um pensamento, não enclausurá-lo, nem aprisiona-lo. Nomear é libertar, trazer para perto, aproximar, colocar em movimento – mesclando a prática com a teoria, retornando à prática pela teoria.

Os conceitos geográficos, para citarmos apenas três<sup>1</sup>: lugar, paisagem e território – transescalares e multidimensionais – configuram nomeações circunstanciais e históricas,

---

<sup>1</sup> Reconhecemos a existência, pertinência e importância de outros conceitos como por exemplo, região e rede, mas devido à dimensão e extensão desta nota, bem como nossa (falta de) proximidade de pesquisa e epistemológica, optamos por deixá-los de lado nesta discussão.

evocando inspirações filosóficas, políticas, culturais e econômicas diversas, além de um fundo epistemológico claro.

É importante dizer também que os conceitos não se filiam ou não deveriam se filiar, exclusivamente, a um determinado método, abordagens e maneiras de pensar sobre nossos “objetos” de pesquisa e/ou sujeitos pesquisados, os conceitos ganham novas cores e novos contornos a partir de outras leituras e vivências que requerem múltiplas maneiras de pensar a realidade-mundo.

Com essa qualidade, os conceitos se abrem ao debate, podem ser refutados ou ampliados e ajudam a estabelecer a melhor maneira de interpretação da realidade segundo seu potencial explicativo do mundo.

Pensar sobre o conceito de lugar é investigar uma relação mais íntima e próxima do ser com seu(s) lugar(es) primeiro(s) (a casa, a rua, o rio, o vale, o bairro...), a pausa no constante movimento, como nos diz Tuan (2012), mas não só... Enquanto localização, o lugar é um ponto no mapa, um local, um nó em um rede de pares de coordenadas... o lugar, entretanto, é carregado de significado(s) infinitos, além de carregarmos nosso lugar aonde quer que estejamos.

Não falamos somente das “forças” sensíveis e afetivas, falamos também de “forças” econômicas e políticas que atravessam, transformam e transportam esses lugares a outros, demarcando e (des)caracterizando os lugares da vida e da existência (MARANDOLA JR., 2012).

Apesar dessas reentrâncias e (des)caracterizações, o lugar resiste (DARDEL, 2015; FERREIRA, 2002), resiste no e ao tempo, reverberando na memória, na sociedade, que mantém uma chama acesa de resistência(s) ao solapamento e desaparecimento dos lugares. Substancialmente, a natureza permeia essas questões, uma vez que, ela emerge como indissociável do/no *continuum* espacial vivido.

Para pensarmos sobre paisagem, talvez o “mais visual” ou “imagético” dos conceitos, podendo, inclusive, ser pensado como tudo aquilo que a visão abarca (SANTOS, 1997), “[...] resulta de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo [...]”, uma porém não totalizante, pois é consequente de uma mistura, “um mosaico de tempos e objetos datados” (SERPA, 2013, p. 170). Nós experimentamos a paisagem por meio dos nossos sentidos: tato, olfato, paladar e audição e também estamos misturamos nela, lançados no mundo.

Paisagem tem forma e gosto, nós tocamos, nós sentimos, nós vemos ou não vemos, tanto ouvimos, como experimentamos seu mais profundo silêncio. A paisagem é extremamente

modificada pela ação humana, que deixa suas marcas, suas pegadas, suas rupturas e suas degradações intensas impressas em suas permanências e imanências.

Paisagens são turistificadas, comercializadas e falsificadas. Homens e mulheres estão na paisagem, e é importante pontuarmos que não existe qualquer paisagem ou pensamentos/abstrações sobre paisagem sem a(s) existência(s) humana(s).

E por falar em presença humana no espaço, falemos de território. Em muitos dos sentidos etimológicos dessa palavra, território vem de terra e também vem de aterrorizar. O aterrorizar da terra pelas pessoas ou aterrorizar as pessoas pela terra. Aterrorizar e emergir poder(es) político(s) e poder cultural, poder de saber e poder de fazer. O poder não emana somente do estado-nação, emanam de sujeitos territorializantes e sujeitos territorializados que exercem seu poder, inclusive, simbólico e imaterial.

O poder além de estar amplamente ligado aos fatores econômicos que circundam as práticas cotidianas, ele é exercido sobre um território ou uma base territorial, amplo, do estado-nação, do país, do estado e/ou do município. Dialético, o território é composto por esse “território maior”, diagramado também pelos sujeitos, que determinarão as práticas, preceitos, ditames e as apropriações re/des/territorializantes e serão influenciados por outras práticas territorializadoras de outros sujeitos, dessa extensa teia da vida que se reterritorializa em constante movimento (HAESBAERT, 2009).

### **Considerações finais**

No debate sobre a (mais-que) relação sociedade e natureza, os conceitos nos ajudam a elucidar os caminhos epistemológicos e metodológicos que alguns/algumas pesquisadores/as têm nos conduzido no desenvolvimento do pensamento geográfico e do enfoque socioespacial. Quando refletimos sobre essa mais-que-relação, a busca no/do sentido desse embate é fundamental para a compreensão, atualização e revitalização daquilo que surge na e para a ciência que queremos e produzimos.

Uma Geografia pulsante que busca revigoração a cada instante, nessa constelação complexa e híbrida de inspirações que ainda mantém e, de certa forma, insiste em uma identidade disciplinar (GOMES, 2009). Ela depende incansavelmente de nossas abstrações e criatividades renovadas e do diálogo permanente com outras áreas do conhecimento.

O desencadeamento das ideias deste exercício teórico-reflexivo, apresentado como uma nota de pesquisa, serviu como guia nos nossos estudos para as provas de conhecimentos geográficos dos programas de pós-graduação e ainda nos permitiu organizar nosso

pensamento no que tange a (mais-que) relação entre sociedade e natureza e seus desdobramentos conceituais.

### Referências

DARDEL, E. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERREIRA, L. F. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**, v.22, n.1, p.43-72, jan./jun. 2002.

GOMES, P. C. C. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco. et al. (Org.) **Espaço e tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ADEMADAN, 2009.

MARANDOLA JR., E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. **Qual o espaço do lugar?**: epistemologia, geografia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.4, n.7, p.1-25, 1979.

HAESBAERT, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.) **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular/Unesp, 2009.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (Trad. Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma Geografia Humana dos espaços vividos. **Geosp – espaço e tempo**, São Paulo, n.33, p.168-185, jan./jun. 2013.

---

### Sobre o autor

**Nícolas Veregue Ruiz** - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, Campus de Presidente Prudente/SP.

---

Recebido para avaliação em maio de 2019

Aceito para publicação em setembro de 2019